

**ENTRE AFETOS E PESCARIAS: TRANSGERACIONALIDADE DOS SABERES
TRADICIONAIS ENTRE AS MULHERES PESCADORAS NA COMUNIDADE
SEGREDINHO/CAPANEMA-PA**


**BETWEEN AFFECTIONS AND FISHING: TRANSGENERATIONALITY OF
TRADITIONAL KNOWLEDGE AMONG FISHING WOMEN IN THE
SEGREDINHO/CAPANEMA-PA COMMUNITY**


Recebido em: 06/02/2024


Reenviado em: 17/06/2024

Aceito em: 27/06/2024

Publicado em: 24/07/2024

José Raimundo Salustiano da Silva¹ 
Universidade Federal do Pará

Nádia Sueli Araújo da Rocha² 
Universidade Federal do Pará

Francisco Pereira de Oliveira³ 
Universidade Federal do Pará

Resumo: O presente artigo discute os aspectos transgeracionais presentes no desenvolvimento da pesca artesanal na comunidade campestre Segredinho, que fica localizada na área rural do município de Capanema, no estado do Pará. O principal objetivo foi compreender a maneira como os saberes tradicionais estão voltados para a pesca artesanal e são apreendidos pelas mulheres de uma mesma família e de diferentes gerações na referida comunidade. Assim, este artigo está configurado na abordagem qualitativa de pesquisa, em que a pesquisa de campo foi realizada pela observação do modo de vida das mulheres pescadoras e por entrevistas que aconteceram por meio de um roteiro com perguntas semiestruturadas e, o processo analítico ocorreu por meio da análise de conteúdo, seguindo a caracterização e organização das respostas e as observações advindas do campo de pesquisa. Como principal resultado, foi perceptível que o repasse dos saberes tradicionais ocorre por meio das experiências ligadas à prática da pesca artesanal, onde os saberes sobre os instrumentos, hábitos dos peixes, localização no lago, dentre outros, são apreendidos através da observação e da troca de experiência entre as pescadoras, sendo que a atividade é primordial para a subsistência das famílias dessas mulheres. Concluiu-se, portanto, que a transgeracionalidade dos saberes ocorre a partir das relações sociais estabelecidas entre as mulheres de maior experiência como as mulheres que ainda não tem a efetiva vivência na pesca, e que a transmissão dos saberes ora ocorre pelas orientações das mais experientes para com as mulheres que estão no processo de iniciação à pesca artesanal, assim como pelas observações cotidianas do ato de fazer a pesca na comunidade.

Palavras-Chave: Saberes tradicionais; Mulheres; Pesca artesanal; Transgeracionalidade.

¹ Licenciado em História (UFPA), Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia (UFPA). Participa do grupo de pesquisa do Laboratório de Ecologia de Manguezal (UFPA), Campus de Bragança (PA). E-mail: josealust@gmail.com

² Professora Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Pará. E-mail: nrocha@ufpa.br

³ Doutor em Biologia Ambiental. Professor da Faculdade de Educação e dos Programas de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia e Biologia Ambiental. Integra o Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD/Amazônia) por meio do Projeto “Teias da Amazônia” (UFPA/UFOPA/UNIOSTE). E-mail: foliveirano@yahoo.com.br

Abstract: This article discusses the transgenerational aspects present in the development of artisanal fishing in the Segredinho peasant community, located in the rural area of the municipality of Capanema, in the state of Pará. The main objective was to understand how traditional knowledge is focused on fishing artisanal and is seized by women from the same family and different generations in that community. Thus, this article is configured using a qualitative research approach, in which field research was carried out by observing the way of life of fisherwomen and through interviews that took place through a script with semi-structured questions. The analytical process occurred through content analysis, following the characterization and organization of responses and observations from the research field. As the main result, it was noticeable that the transfer of traditional knowledge occurs through experiences linked to the practice of artisanal fishing, where knowledge about instruments, fish habits, and location in the lake, among others, are learned through observation and exchange of experience among fisherwomen. The activity is essential for the subsistence of these women's families. It was concluded, therefore, that the transgenerationality of knowledge occurs from the social relationships established between women with greater experience, such as women who do not yet have effective experience in fishing, and that the transmission of knowledge sometimes occurs through the guidance of the most experienced towards women who are in the process of starting artisanal fishing, as well as through daily observations of the act of fishing in the community.

Keywords: Traditional Community; Women; Artisanal Fishing; Transgenerationality

O PESCADOR QUE EXISTE EM NÓS

Faça silêncio, eu vou te contar um Segredo! Ao observar essa frase seria possível imaginar que ela foi retirada de um livro de mistério e suspense ao melhor estilo dos romances policiais de Agatha Christie⁴.

As reviravoltas e segredos do passado fazem parte da receita de sucesso desse segmento da literatura, pois, quando se fala em segredo imagina-se em algo relacionado a um mistério que não pode ser revelado, no entanto, a palavra segredo pode estar relacionada a outros assuntos e pode ser usada de outras formas como nomear um determinado local.

Segredo, mais precisamente Segredinho, foi o nome escolhido para nomear esta pequena comunidade, que veio a ser o palco desta pesquisa. Uma comunidade como muitas que existem na região amazônica, perdidas no meio do nada e com cheiro de terra molhada, mas que possui suas próprias peculiaridades e uma delas é com relação a origem de seu enigmático nome, que “segundo a lenda passada de geração para geração alguns índios de uma dessas tribos saíram em busca de alimentos e depois de muito andar e já bem distantes de sua tribo, descobriram um lago repleto de peixes e que poderia fornecer comida para a tribo durante muito tempo” (DINIZ, 2017, p. 07). Esse mito local é conhecido entre os moradores da comunidade e faz referência ao nome do lugar que recebeu essa denominação devido ao fato desses índios não terem compartilhado com o restante da tribo a descoberta de um lago cheio de peixes, daí teria dado origem ao nome Segredinho. A relação do autor com a comunidade Segredinho deu-se pelo

⁴ Agatha Christie escritora britânica que nasceu no Reino Unido em 1890. Ao longo de sua vida, e 56 anos de carreira escreveu e publicou mais de 80 livros. Ela se destacou no gênero romance policial e de mistério, ganhando assim o apelido de “Rainha do Crime” (**Nota dos Autores**).

fato de ter parentes que residiam no local e que, após viver durante vários anos na cidade de Ananindeua-PA, mudou-se para a cidade de Capanema, mais precisamente para esta localidade.

Durante sua vivência no Segredinho, alguns episódios presenciados chamaram sua atenção, dentre os quais o fato de muitas mulheres irem para o lago pescar e sua mãe também estava entre essas mulheres. Quando questionada sobre esse assunto, ela respondeu que durante sua infância e juventude no Segredinho sempre pescou, mas ao se mudar para outra cidade acabou por perder o hábito de pescar, mas agora que estava de volta às origens iria retomar as pescarias. O autor admite que devido a sua familiaridade com o local, nunca se atentou para a questão dessas mulheres pescarem e nem questionou sobre o motivo que levava as mesmas a irem ao lago do Segredo.

A presença das mulheres em atividades produtivas relacionadas à pesca artesanal é inegável e se mostra por vezes indispensável. E, segundo Martinez & Hellebrandt (2019), mesmo sendo mais comum encontrá-las em tarefas como a confecção de redes, na captura de mariscos, moluscos, crustáceos e do próprio peixe ou no processamento dos pescados (evisceração e filetagem), no beneficiamento de produtos à base de pescados como salgados e embutidos e na comercialização deles. No caso das mulheres pescadoras do Segredinho, a importância da pesca artesanal se torna totalmente imprescindível, pois, por vezes, elas pescam somente para alimentar a sua família e não com a finalidade de comercialização, logo, são provedoras de peixe para alimentação e o autossustento familiar.

Anos depois, surgiu a ideia de escrever sobre essas mulheres pescadoras que residem nesta pequena comunidade, partindo da seguinte inquietação: como ocorre a transmissão dos saberes tradicionais oriundos da pesca artesanal realizada pelas mulheres de uma mesma família da comunidade Segredinho/Capanema-PA? E, que saberes são compartilhados entre as mulheres de diferentes gerações na referida comunidade?

Partindo dessa premissa, elencou-se como principal objetivo compreender a maneira pela qual os saberes tradicionais voltados para a pesca artesanal são apreendidos por mulheres de diferentes gerações na comunidade e, especificamente, identificar os saberes presentes na pesca artesanal, assim como perceber a manutenção dessa atividade realizada pelas mulheres na comunidade Segredinho/Capanema-Pará.

Nesse sentido, este estudo se mostra relevante com relação os saberes tradicionais ligados à prática da pesca artesanal, com especial atenção para fato dessa atividade ser desenvolvida eminentemente por mulheres de uma mesma família. O fato das mulheres

exercerem a atividade pesqueira e a transmissão entre gerações dá uma importância ainda maior ao mesmo, pois existe noção errônea de que a atividade pesqueira é somente exercida por homens, “apesar de a atividade pesqueira estar ainda muito associada ao papel dos homens pescadores e da transmissão desse papel para os filhos (meninos/homens), o papel da mulher também se destaca na educação familiar” (GARCIA, 2007, p. 104).

No entanto, pesquisas sobre a transmissão desses conhecimentos por mulheres de um mesmo núcleo familiar são raras e demonstra a urgência da escrita e publicização de trabalhos sobre essa temática. Essas questões motivaram ainda mais o desenvolvimento desta pesquisa, com foco nos saberes tradicionais presentes na prática pesqueira e suas formas de transmissão por essas mulheres através das gerações.

Certamente, foram acessados conceitos, definições e debates que elucidaram o campo teórico e discursivo da pesquisa, dentre as principais obras brasileiras estão, por exemplo, os textos de Alencar (1993) e Rocha (2011) que pesquisaram e escreveram a respeito da pesca feminina, onde são trazidos trechos em que reafirmam que “as mulheres pescam e são responsáveis diretas por todo processo; constroem os instrumentos, separam e pegam as iscas, organizam seus apetrechos e vão efetivar a pesca sem dividir essas atividades com os homens” (ROCHA, 2011, p. 65). É interessante atentar que o texto de Rocha (2011) foi elaborado com base em dados escritos a partir de uma pesquisa realizada também na comunidade Segredinho e com as mulheres pescadoras, porém levando em consideração que seu enfoque era bem diferente da proposta deste estudo.

O conceito sobre saberes tradicionais advindos com a pesca se pauta em Moraes (2005, p. 163) que os define enquanto “o universo que envolve os saberes e práticas, de modo que permite localizar, identificar e capturar os peixes faz parte de uma cultura em que os pescadores estão inseridos em meio a uma dinâmica de reprodução e sistematização”. E de Diegues (2000, p. 30) surge a definição sobre os saberes da tradição, tido “como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração”, o que, sem dúvidas, coaduna-se com os escritos de Almeida (2001, p. 02) quando enfatiza que estes saberes oriundos da tradição são “desenvolvidos as margens do conhecimento escolar e da ciência”.

Os autores acima, abordam a pesca feminina, os saberes tradicionais da pesca e de como se dá esse tipo de trabalho em um ambiente que muitos consideram masculino, mas que essas mulheres acabam por quebrar paradigmas e que, de certa forma, transmitem esses saberes

pesqueiros para outras gerações de mulheres, mostram que apesar da atividade pesqueira estar historicamente ligada ao universo masculino, em muitas comunidades, as mulheres exercem esse trabalho semelhante aos homens.

Na pesca, seja ela praticada por mulheres ou homens, estes saberes são repassados e transmitidos entre os envolvidos na atividade e partem quase sempre das pessoas mais próximas, ou seja, os familiares, e, sem dúvidas, é o que caracteriza o conceito de transmissão transgeracional apontado por Ribeiro (2017). E, Trachtenberg (2013, p. 03), afirma que a transmissão “transgeracional é um repasse psíquico geracional que, sob o ponto de vista da natureza e da essência do elo criativo entre as gerações”.

A transgeracionalidade é um conceito extremamente intrínseco e essencial para falar de transmissão de saberes no âmbito familiar, objetivo desta pesquisa, para também compreender as tramas geracionais, suas permanências e rupturas. Dentre os autores que também abordaram esse termo, destacam-se Denise Falcke e Adriana Wagner (2005) que escreveram uma obra em que observam a dinâmica e o fenômeno transgeracional no ambiente familiar como também definem e conceituam o respectivo termo e que possibilitam uma abordagem relativa e referente a esse conceito.

Segundo esses autores, as relações transgeracionais geralmente dependem dos vínculos afetivos entre as gerações, sendo que os estudos sobre essa temática são um tanto quanto recentes, pois as obras datam de períodos próximos a realização da pesquisa, o que demonstra mais uma vez a urgência em se realizar pesquisas sobre esse assunto para que ele possa ter cada vez mais relevância perante o mundo acadêmico em nível nacional e internacionalmente com o saberes da tradição imersos na Amazônia brasileira.

Nesse sentido, as motivações só cresceram para pesquisar sobre a temática, pois em primeiro lugar, por conviver e pertencer a uma família de pescadoras e, em segundo lugar, por ter a oportunidade de contribuir com a academia e com o conhecimento científico na área das Ciências Humanas e Sociais, que são próprias, epistemologicamente, áreas que debatem, dialogam sobre o trabalho feminino.

OS CAMINHOS PERCORRIDOS PELA PESQUISA

O tópico que trata sobre a metodologia que é utilizada na pesquisa é de extrema importância, uma vez que é por meio dela que se identificará os métodos e as técnicas que foram utilizadas pelo pesquisador durante seu percurso na realização dela. Nesse sentido, atenta-se

para a essência das estratégias metodológicas de pesquisa no âmbito de entrevistas e observações em campo.

A seção de metodologia contempla a descrição da fase de exploração de campo (escolha do espaço de pesquisa, critérios e estratégias para a escolha do grupo/sujeito de pesquisa, a definição de métodos, técnicas e instrumentos para a construção de dados e os mecanismos para a entrada em campo), as etapas do trabalho de campo e os procedimentos para análise (MINAYO, 2009, p. 47).

A abordagem que norteou a pesquisa foi a qualitativa, pois investigou as diferenças e similitudes à respeito dos membros de uma família de mulheres que praticam a atividade pesqueira artesanal na localidade e as vivências delas na relação direta com os saberes tradicionais da pesca, momento em que houve a interação entre o pesquisador e as mulheres que pescam por meio das entrevistas e a da observação *in lócus*, como mostra Minayo (2009, p. 63): “embora hajam muitas formas e técnicas de realizar o trabalho de campo, dois são os instrumentos principais desse tipo de trabalho: a observação e a entrevista”.

Ao tomar como base a abordagem qualitativa de pesquisa, constatou-se que a técnica de entrevista e a observação seriam as mais adequadas para a coleta de informações concernente ao objeto, especialmente, utilizando-se de um roteiro com perguntas semiestruturadas para as entrevistas, uma vez que este instrumento possibilita ao entrevistado falar sobre os pontos-chave em questão, sem se prender à indagação formulada e por meio dessas entrevistas elas ponderam não somente sobre a atividade pesqueira, como também outros temas que de alguma forma auxiliaram no desenvolvimento da temática do trabalho. Complementarmente, o processo de observação do ambiente em que vivem, suas relações, as sensações ao contar suas interações com as diferentes gerações, dentre outras.

No que tange ao processo analítico, utilizou-se da Análise de Conteúdo (AC), principalmente ao que se refere ao entendimento com relação a elas [mulheres pescadoras] com a atividade pesqueira, com o foco para identificar como ocorre a transmissão dos saberes tradicionais pesqueiros de geração para geração. Sendo que a mais indicada é a análise da enunciação, que é uma das vertentes da análise do conteúdo, como “costuma ser usada para analisar entrevistas abertas. Nela, levamos em conta a comunicação como um processo e não como um dado estatístico” (MINAYO, 2009, p. 86).

A Análise de Conteúdo tem um significado especial no campo das Ciências Sociais, para Moraes (1999), constitui-se em uma metodologia de pesquisa usada para descrever e

interpretar o conteúdo de toda sorte de comunicações. E, ainda, “essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum” (MORAES, 1999, p. 2). Nesse sentido, o significado de um texto nem sempre se manifesta de uma mesma forma e o seu significado nem sempre é único. Moraes (1999) ainda menciona que esses significados podem variar e ser de natureza psicológica, sociológica, política ou até histórica. Segundo Triviños que afirma (1987), a Análise de Conteúdo pode ser considerado um método a ser aplicado tanto na pesquisa quantitativa como em estudos qualitativos, porém, com aplicações diferentes.

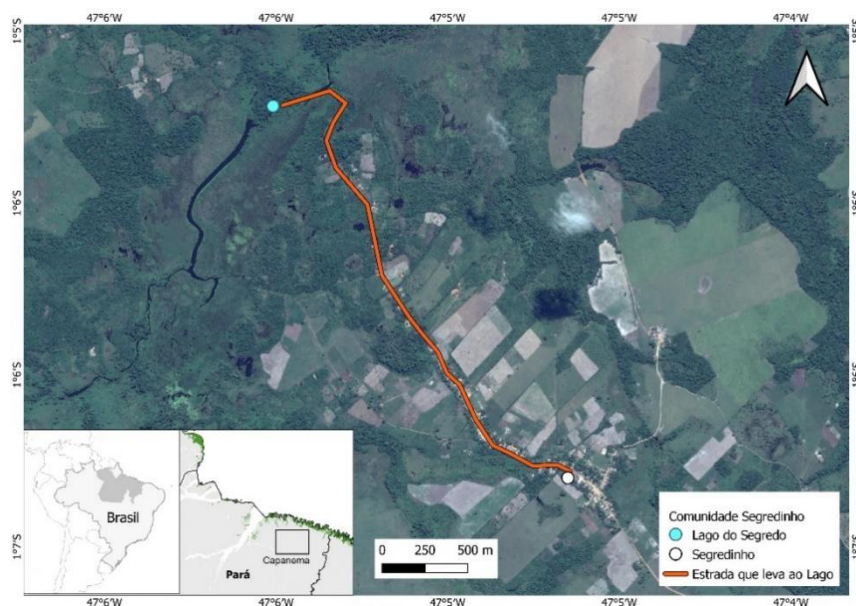
Portanto, o processo de análise das respostas mereceu interpretação colhidas a partir das informações contidas nos relatos das entrevistadas. E, complementadas às interpretações se têm as observações de campo e extraídas de um diário de bordo em que também trazem olhares do pesquisador e suas sensações.

Mas, afinal de contas, onde se localiza a comunidade Segredinho? E, o lago do Segredo onde as mulheres praticam a pesca artesanal qual a sua localização? Estas inquietações serão descritas abaixo a partir de elementos trazidos do campo de pesquisa e discutidos à luz da literatura que tratam das questões relacionadas à temática.

O CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na comunidade rural Segredinho, que fica localizado a 24 (vinte e quatro) quilômetros da sede do Município de Capanema, situado na região nordeste do estado do Pará, distante 174 (cento e setenta e quatro) quilômetros da capital, Belém. A comunidade faz parte do distrito de Tauari e ela está localizada a 3 (três) quilômetros desse distrito. Segredinho é uma comunidade que possui um território relativamente pequeno e que, segundo dados da pesquisa colhidos junto ao Agente Comunitário de Saúde (ACS), vivem aproximadamente 190 (cento e noventa) famílias na localidade, estas em sua grande maioria mantêm laços próximos de parentesco. A **Figura 1** demonstra o mapa de localização onde ocorre a pesca artesanal na comunidade Segredinho, seguido por uma descrição do ambiente aquático frequentado pelas mulheres pescadoras.

Figura 1 - Mapa Geográfico da Comunidade Segredinho, com destaque para o local onde ocorre a pesca artesanal, o Lago do Segredo.



Fonte: Mapa Geográfico da comunidade Segredinho elaborado com a ferramenta QGIS, com base nos dados da pesquisa (2023).

As mulheres pescadoras da comunidade de Segredinho utilizam para a realização da pesca o Lago do Segredo, que fica a aproximadamente 2,5 (dois e meio) quilômetros da comunidade até suas margens. O referido lago “é formado a partir da confluência de diversos corpos d'água, oriundos da microbacia do rio Tracuateua, dentre esses podemos destacar o próprio igarapé Segredo, o Tatajuba, o Curral Velho, o Califórnia, Segredão etc.” (ROCHA, 2011, p. 20), eles são oriundos do rio Tracuateua e passam por todas essas comunidades da região local.

Tais igarapés citados “formam o que se chama de microbacia do Tracuateua e consequentemente compõem a Bacia Hidrográfica do rio Quatipuru” (BRAGA, 2018, p. 03). Embora, geograficamente seja considerado um igarapé, os moradores da comunidade o classificam enquanto lago, e é esta denominação que foi mantida ao longo da pesquisa.

Porém, há uma pergunta que não quer calar: quem são as mulheres de uma mesma família que praticam a pesca artesanal na comunidade do Segredinho que, gentilmente e pacientemente, aceitaram a colaborar com a pesquisa e responderam as dúvidas e inquietações do pesquisador? Para isso, a seguir serão apresentados dados para que se possa ter a caracterização do perfil e suas identidades de pertença na localidade.

COLABORADORAS DA PESQUISA

Foram entrevistadas 03 (três) mulheres para responderem as perguntas previamente elaboradas num roteiro de pesquisa e, elas, serão identificadas por meio de nomes fictícios, a fim de preservar suas identidades e preservação ética, própria da pesquisa com pessoas de comunidades tradicionais.

Essas mulheres, que são da mesma família e exercem a atividade da pesca no Lago do Segredo, e mantém com a atividade uma relação cultural, afetiva e social e, por esta razão, foram escolhidas como colaboradoras da pesquisa. Na **Figura 2**, há uma apresentação e caracterização do perfil das mulheres para emitir informações com relação a transgeracionalidade dos saberes tradicionais na pesca artesanal.

Figura 2 - Infográfico que descreve e caracteriza o perfil das colaboradoras da pesquisa Comunidade do Segredinho, município de Capanema, nordeste do Pará, Brasil.

PARTICIPANTES DA PESQUISA		
GERAÇÕES		
JOAQUINA	AMÁLIA	MARIANA
88 anos de idade, mãe de Amália e avó de Mariana	60 anos de idade, filha de dona Joaquina e mãe de Mariana	41 anos, filha de Amália e neta de Joaquina
Aposentada e analfabeta, porém trabalhava nos afazeres domésticos e na roça	Viúva e hoje aposentada, estudou até o 6º ano do ensino fundamental	Casada, nasceu e cresceu em Segredinho, possui o ensino fundamental completo
Devido a idade e a problemas de saúde vai raramente pescar com a neta ou a filha.	Desde de muito nova trabalhou e ia pescar ainda criança com sua mãe	Trabalha na roça com o Marido e sempre ia pescar com os avós quando criança

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Como se pode observar no infográfico, há uma relação estreita e direta entre as três entrevistadas, pois são de parentesco próximo: mãe (88 anos), filha (60 anos) e neta (41 anos). Todas têm em comum a atividade pesqueira artesanal repassada de geração a geração, o que consideramos como elemento basilar das relações transgeracionais.

Após descrever os caminhos metodológicos percorridos por esta pesquisa, passaremos a apresentação dos resultados e discussão concernente aos dados encontrados, o que, sem dúvidas, possibilitou a chegar nas informações de grande relevância para a temática a que se

propôs pesquisar. Ademais, é o momento de demonstrar os caminhos metodológicos da pesquisa, se tortuosos como um mar revolto ou se de tranquilidade como as águas calmas do Lago do Segredo.

O TRABALHO NA PESCA ARTESANAL SOB O PRISMA FEMININO

Antes de falar sobre o papel da mulher na pesca feminina é importante mostrar as funções da mulher em tempos anteriores ao da pesquisa. Em eras distantes, havia separações a respeito das funções que o homem e a mulher deveriam desempenhar, havia o que hoje poderia se chamar de divisão sexual do trabalho entre o feminino e o masculino, em que o homem proveria a alimentação familiar e a mulher ficava em casa para cuidar dos filhos e realizar os afazeres domésticos, sendo que as tarefas das mulheres sempre foram relegados em nível de uma suposta “ajuda”, assim como reprodutoras da espécie, tendo pouca ou nenhuma importância econômica e de sobressair-se igual a figura do homem perante o meio em que viviam.

O cenário sobre o trabalho feminino com o passar dos anos, sofreu algumas modificações e a participação da mulher no mercado de trabalho se desenvolveu, mesmo que de forma tímida, tem evolução e, por vezes, mantém-se entre a invisibilidade e o protagonismo. No mundo contemporâneo, pode-se dizer que essa perspectiva acerca da mulher está em processo de transformação, estudos estão em desenvolvimento e objetivam elucidar questões, principalmente sobre o papel das mulheres na sociedade atual, com acesso à referências no passado e, dessa maneira, visibiliza o gênero feminino, fato que não acontecia como bem mostra a francesa Michelle Perrot (2007, p. 16-17), que fala sobre essa invisibilidade das mulheres perante o meio social.

Em primeiro lugar, porque as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato. Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranqüila. Sua aparição em grupo causa medo. Entre os gregos, é a stasis, a desordem. Sua fala em público é indecente. "Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão." Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno.

Neste fragmento, a autora enfatiza o fato de as mulheres serem vistas como uma presença necessária, porém, incômoda, pois sobre a mulher pesam milênios de indiferença e

negação da sua importância para a constituição da humanidade. Perrot (2007), ainda assinala a questão religiosa, principalmente aquela com raízes no cristianismo que identifica o feminino como sendo responsável por grande parte das mazelas que assolam o mundo e, devido a essa visão arcaica, o papel subserviente das mulheres foi desenvolvido.

No entanto, as próprias escrituras sagradas como a Bíblia do cristianismo e a Torá do judaísmo, ao mesmo tempo em que as colocam em um papel inferior, como no caso de Lilith que, segundo alguns pesquisadores, teria sido a primeira companheira de Adão, sendo Eva a segunda, como se constata nos escritos de Laraia (1996, p. 151).

Deus teria criado um casal: Adão e uma mulher que antecedeu a Eva. Esta mulher primordial teria sido Lilith, figura bastante conhecida da antiga tradição judaica. Lilith não se submeteu à dominação masculina. A sua forma de reivindicar igualdade foi a de recusar a forma de relação sexual com o homem por cima. Por isso, fugiu para o Mar Vermelho. Adão queixou-se ao Criador (...).

De acordo com o excerto, essa mulher, Lilith, não aceitava ser subjugada por um homem e queria ter privilégios similares aos de Adão até no momento do ato sexual, pois ela não aceitava ficar na posição por baixo durante a cópula e ao não conseguir isso, rebelou-se e fugiu, segundo Silva (2022), que menciona o fato de alguns pesquisadores considerarem a controversa Lilith como a primeira mulher feminista, já que questionava as ordens do homem a qual deveria ser submissa.

A Revolução Francesa (1789) é considerada um marco que de certa forma culminou com uma nova perspectiva do papel da mulher na sociedade. Desse período em diante as mulheres começaram a atuar de forma relevante na sociedade. As modificações desencadeadas pela Revolução Francesa e aliado a isso o advento do capitalismo e, pode-se supor que o papel da mulher diante de questões econômicas e trabalhistas foi modificado.

É, nesse sentido, que Toitio (2008, p. 02) fala sobre as modificações em torno do trabalho feminino:

O trabalho feminino passa a integrar crescentemente a estrutura econômica da sociedade capitalista, sempre sob a determinação mencionada, ou seja, submetida ao capital e a sua necessidade de valorização, no entanto nas primeiras décadas do século passado era ainda muito superior a proporção do trabalho masculino em relação ao feminino na esfera produtiva.

No fragmento anterior, verifica-se que mesmo com o aumento da participação das mulheres na área econômica e social, sua importância ainda é considerada de certa forma



inferior ao papel desempenhado pelos homens no mercado econômico. Mesmo com o desenvolvimento do capitalismo como regime econômico dominante, as mulheres demoraram a conseguir desenvolver uma participação mais efetiva na cadeia produtiva capitalista.

O papel da mulher perante a sociedade atual veio se modificando e elas acabaram por conseguir conquistas em diversos campos, dentre eles, pode-se citar o desenvolvimento ainda que pequeno da atividade pesqueira realizada por pescadoras. A pesca é um dos trabalhos mais antigos da humanidade e até os dias atuais ainda é praticada.

História mais atual aponta ainda hoje a utilização de embarcações, como canoas e jangadas, redes feitas de fibras vegetais e alguns instrumentos de captura de peixes utilizados nas pescarias, com maior ou menor transformação. Esses instrumentos mostram que os indígenas deixaram uma herança para diversos povos através de sua cultura de pesca sendo que, esse fato é perceptível em muitas sociedades, principalmente nas comunidades ribeirinhas amazônicas que sobrevivem da pesca artesanal (ROCHA, 2011, p. 13).

De acordo com Rocha (2011), a utilização de algumas embarcações dando ênfase para aquelas mais rudimentares, como a canoa que é fabricada com materiais retirados diretamente da natureza e enfatiza também, o uso de instrumentos que auxiliam na pesca e que também são retirados de ambiente rural. A utilização desses instrumentos e meios de transporte mais artesanais utilizados, em sua maioria por comunidades que geralmente ficam próximas de igarapés, lagos e rios, e faz alusão aos saberes tradicionais advindos dessas comunidades que em muitos casos descendem de grupos indígenas.

A pesca de cunho artesanal também se caracteriza pela simplicidade da tecnologia e pelo baixo custo da produção, mesmo que alguns grupos busquem, atualmente, modernizar a atividade, mas no caso da pesca praticada pelas mulheres da comunidade Segredinho ainda pescam de forma bastante simples, “eu mesma vou no mato tirar minha vara de pescar” diz dona Joaquina (1ª geração), mesmo com dificuldade para enxergar, a mais velha das entrevistadas, ainda vai “no mato” retirar um dos seus instrumentos de trabalho. Ou seja, tanto a seleção, organização e preparação dos instrumentos são feitos pela própria pescadora.

Essa preparação diz respeito aos saberes tradicionais relacionados a pesca principalmente a artesanal, sobre isso Moraes (2005, p. 05) fala que são:

(...) saberes pautados pela tradição – compreendidos como saberes construídos ao longo das gerações, transmitidos através da oralidade e das experiências do cotidiano – frutos de um conhecimento não científico que tem por base a observação e a orientação das gerações mais experientes (...).

Os saberes tradicionais como mostra o autor, estão intimamente ligados ao repasse de conhecimento dos mais experientes para os mais jovens, sendo que os saberes se referem especificamente em “variados instrumentos de coletas de frutos, de caça de pequenos animais e captura de peixes foram construídos ao longo do tempo, assim como as técnicas de suas utilizações foram desenvolvidas, adaptadas, transformadas e condensadas em outras mais” (MORAES, 2005, p. 29).

As mulheres ao começarem a exercer trabalhos considerados masculinos, auxiliam no desenvolvimento de uma mentalidade menos preconceituosa, mesmo que a maioria ainda observe seus trabalhos como uma mera extensão dos afazeres domésticos. Um desses trabalhos é aquele relacionado à pesca artesanal.

Todavia, a atuação da mulher neste universo ocorre, com algumas exceções, em um contexto de invisibilidade e desvalorização do seu trabalho, entendido como extensão das tarefas domésticas, e não como pesca propriamente, resultando na fragilidade da identidade profissional das pescadoras, em razão do não reconhecimento e da invisibilidade de suas funções (MANESCHY, 2010, p. 10).

A autora acima, menciona que apesar de haver exceções no âmbito da visibilidade e significância com relação ao trabalho desenvolvido pelas mulheres pescadoras, a maioria das vezes acontece à invisibilidade desse trabalho e ele acaba por não ter o devido reconhecimento. Devido a isso, a mulher torna-se invisível nas funções geralmente atribuídas aos homens que remetem a questões intimamente ligadas a pensamentos retrógrados de que alguns trabalhos “são ‘coisa’ de homem” e mulher não deve se intrometer.

Para dona Amália (2ª geração), em se tratando da colaboração e complementações do sustento familiar ambos são responsáveis, diz ela: “eu ia quando meu marido ia, aqui não tem dessa não (...) aqui todo mundo se ajuda na hora de cair na água”, percebe-se que para as mulheres e os homens do Segredinho não existe de certa forma diferenciação entre o trabalho de um ou de outro e ambos exercem papéis semelhantes no trabalho da pesca artesanal.

Ainda quando se menciona sobre a visibilidade da mulher na atividade pesqueira temos que levar em consideração o fato que o reconhecimento dessas mulheres como trabalhadoras da pesca em solo brasileiro é considerado um fenômeno relativamente recente. A principal explicação se remonta ao período histórico de criação das colônias, no início do século XX, sob a organização da Marinha a qual não “admitia mulheres em seu quadro, não sendo concedido às pescadoras o direito de se cadastrarem” (LEITÃO *et al.*, 2009, p. 02).

As mulheres foram efetivadas como profissionais neste setor, somente duas décadas após a Constituição de 1988. Foi por meio da Lei Nº 11.959/2009 que os direitos das mulheres pescadoras artesanais puderam se equiparar aos direitos dos homens.

A pesca em alto mar e o fato de as mulheres exercerem trabalhos considerados mais “leves” e se estabelecer uma relação como se fosse uma extensão de seu trabalho doméstico:

Estas atividades são consideradas como menos importantes por duas razões. Primeiro, por ocorrerem em terra, longe dos perigos e das intempéries do mar; segundo, por estarem mais voltadas para a reprodução e manutenção do cotidiano familiar, para a reprodução das rotinas. Essas atividades ocorrem dentro de um espaço temporal cíclico, que é o da reprodução, e se opõe ao tempo linear da produção (ALENCAR, 1993, p. 67).

Segundo a autora, fica evidenciado que o trabalho realizado em terra firme pelas mulheres é considerado de pouca significância, pois em tese não ficam à mercê dos infortúnios causados pelo mau tempo ou escassez de pescado que são geralmente causados pelo território marítimo. Sendo assim, os mares e oceanos continuam sendo ainda lugares em que a presença masculina se torna predominante.

No caso da pesca artesanal realizada por mulheres pescadoras, depende quase que exclusivamente dos laços de solidariedade entre seus familiares e vizinhos para os cuidados com os filhos, enquanto, as mesmas vão pescar. Sendo assim, percebe-se que, na pesca artesanal, há uma articulação entre produção e reprodução, uma influência mútua entre as duas esferas que se perpetua e repercute na estruturação da família dessas mulheres.

Mas quando as mulheres por algum motivo não conseguem familiares ou algum membro de sua vizinhança para cuidar de seus filhos, elas não têm alternativa senão levar seus filhos para acompanhá-las na pescaria, é o que nos conta dona Joaquina (1ª geração) “as vezes não tinha ninguém para reparar e o jeito era levar ela (Amália, filha, 2ª geração)”. E, graças a isso, muitos acabam adquirindo conhecimentos relacionados à pesca artesanal e essa transmissão de saberes que por vezes acontece na observação da atividade e no convívio com as pescadoras mais experientes, sendo repassada através de gerações de mulheres de uma mesma família.

ASPECTOS TRANSGERACIONAIS ENTRE AS MULHERES NA ATIVIDADE PESQUEIRA ARTESANAL NA COMUNIDADE SEGREDINHO

Nas grandes civilizações antigas como a egípcia e a grega era comum o repasse do poder para membros de uma mesma família, essa transmissão de títulos era chamada de *dinastia* e nada mais era do que o período de sucessão, onde reis e rainhas, pertencentes a uma mesma família, permaneceriam no poder. A origem da palavra vem do termo grego *dynasteia* que significa poder, senhorio ou comando.

O conceito de dinastia remete aos soberanos que pertenciam à mesma família. Por vezes, o termo dinastia também pode ser usado para descrever famílias aristocráticas e burguesas com um elevado poder econômico e político, como os Kennedy e os Rockefeller nos Estados Unidos e os Marinheiros no Brasil. Em uma dinastia o poder é transmitido por hereditariedade, podendo a mesma família permanecer no trono/comando durante séculos.

O leitor pode estar se perguntando o motivo pelo qual se começou o texto falando sobre questões dinásticas, todavia, existe um esclarecimento para esse fato. O significado do termo dinastia tem de certa forma similaridade com a transmissão de conhecimentos que acontecem de geração para geração que é um dos focos do trabalho, ambos tendem a fazer o repasse de algo para membros de uma mesma família durante as gerações, ou seja, eles se ligam através da carga hereditária de seus familiares. Enquanto, o primeiro repassa o poder e o controle econômico e político, o segundo faz a transmissão de conhecimentos e saberes para os seus parentes, sendo que esses conhecimentos vão sendo aperfeiçoados durante os anos.

O ambiente familiar se constitui como um meio excepcional de transmissão de qualquer tipo de conhecimento. Pode ser a transmissão da própria vida, de um nome e de um sobrenome, o patrimônio, a educação, hábitos culturais ou de uma profissão. O processo de transferência na família é fundamental para a construção do ser, isto é, para a formação da identidade de cada sujeito. As gerações da família transmitem conteúdos que visam assegurar a sobrevivência do grupo familiar através do tempo.

Esse entrelaçamento entre os aspectos alinhados está em profunda comunicação natural ou espontânea, com o passado, com o presente e com o futuro de nossas vidas por meio de um fenômeno denominado de transgeracionalidade. Ribeiro (2017, p. 14) conceitua dessa forma a transgeracionalidade:

Em relação ao conceito teórico proposto pelas duas pode-se destacar a descrição conceitual de transgeracionalidade a partir da perspectiva de uma forma de

transmissão de conhecimentos perpassados, perpetuados e dialogicamente assumidos dentro do seio familiar entre gerações distintas.

A Transgeracionalidade também conhecida como transmissão psíquica transgeracional, consiste em um legado que é herdado dos antepassados e que se constitui a partir da riqueza dos costumes e tradições que são desenvolvidos por meio de relações vinculadas a laços de afeto e cumplicidade, e se constitui por meio de fatos significativos que são conduzidos por gerações passadas e que são permeados por repetições. O fenômeno transgeracional pode se apresentar em diversos espaços: acadêmicos, escolares, nos momentos de lazer e de divertimento, nas práticas esportivas e nos espaços da vida cotidiana e familiar de mulheres e homens.

No caso do estudo em questão e de acordo com as entrevistas com as colaboradoras, convencionou-se dividir o conteúdo em três pilares centrais, que serão caracterizados com base nos ambientes onde ocorre o processo da transgeracionalidade e de aprendizado, crescimento, desenvolvimento e evolução da prática pesqueira artesanal.

IDENTIFICAÇÃO DO FENÔMENO DA TRANSGERACIONALIDADE NO OFÍCIO DA PESCA ARTESANAL DAS MULHERES DO SEGREDINHO

Os papéis que são exercidos pelos filhos e pelas mulheres caracterizam a pesca artesanal como uma atividade quase que exclusivamente familiar. Esta característica diferencia a pesca artesanal e a industrial, onde as relações de trabalho são exclusivamente entre patrões e empregados, no caso da pesca artesanal as mulheres não são dependentes das atividades do marido (MALDONADO, 1986), podendo exercer as tarefas domésticas ou em outras atividades não diretamente relacionadas à pesca. Em se tratando da pesca industrial, as mulheres possuem uma maior independência tanto financeira e quanto social, devido ao período em que seus cônjuges ficam pescando no mar (GARCIA, 2007).

O fenômeno transgeracional pode estar, de certa forma, atrelado à prática das mulheres pescadoras da comunidade Segredinho, principalmente quando se consideram as respostas das três entrevistadas. A predileção pela pesca aliado às relações de afeto e à busca pelo próprio alimento, está presente na fala das três mulheres, no entanto, cada uma delas tem uma maneira peculiar de se referir a pesca artesanal e a forma como começou a pescar. Como elas relatam a seguir:

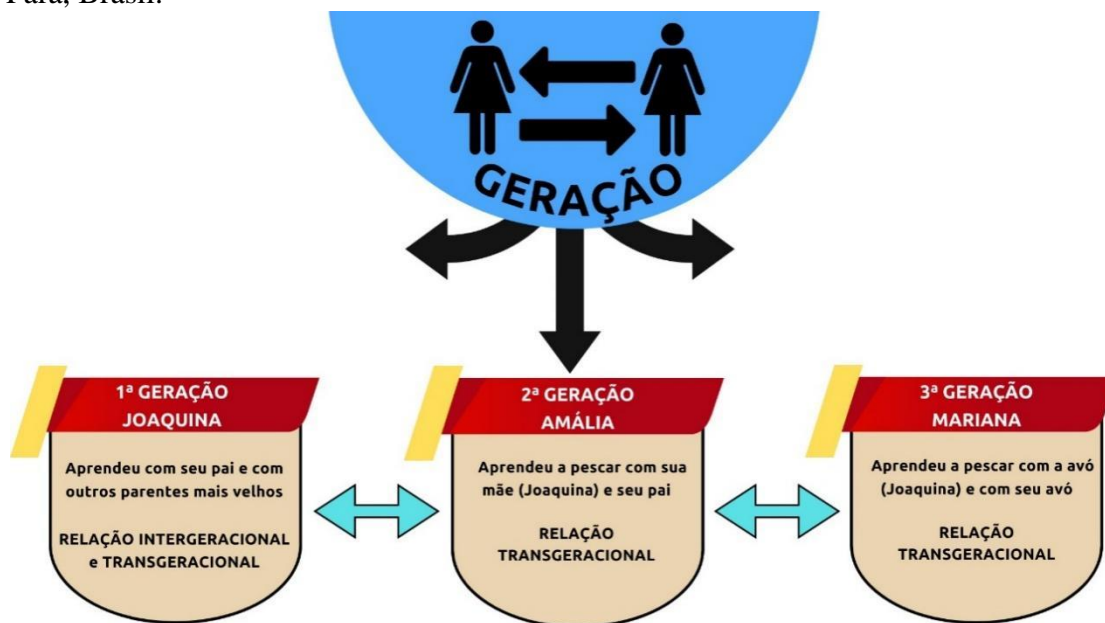
Foi a herança que meu pai deixou pra mim, digo mesmo (...) nem sempre eu podia ir com ele mas quando dava eu ia com ele (...) minha mãe morreu cedo, então, ele que me levava (...) não gostava muito por que eu era menina e ele achava que eu atrapalhava, mas eu ficava ali quietinha e ajudava ele (...) (JOAQUINA, 1ª geração).

Rapaz desde quando eu pude pegar num anzol eu ia (...) Ia no começo com minha mãe, com meu pai com meus “amigos” e minhas “amigas” ia tudo junto (...) aqui no Segredo, o povo “cai” cedo no lago, nem todo mundo vai pescar, vão lá, mas pela sacanagem mesmo (...) (AMÁLIA, 2ª geração).

Eu fui pescar mesmo a partir dos meus 13, 14 anos (...) o vovô e a vovó não gostava de levar, por cuidado mesmo, mais tinha vez que eles levavam, mas a vovó (...) mas só vim pescar mesmo com essa idade (...) as vezes quando era mais nova ia escondido, mas nem sempre era para pescar, ia só tomar banho no lago mesmo (...) (MARIANA, 3ª geração).

Nas falas das entrevistadas, verifica-se que o legado relacionado à pesca artesanal é perceptível, muito embora a maneira como cada mulher iniciou na prática pesqueira mostra algumas diferenças, contudo, ambas são categóricas ao afirmar que foi por meio de seus genitores (principalmente as mães e avós) ou responsáveis que elas tiveram seus primeiros contatos com os costumes e saberes ligados ao ofício da pesca (**Figura 3**).

Figura 3 - Infográfico que mostra o processo de transmissão transgeracional dos saberes pesqueiros entre as mulheres - Comunidade do Segredinho, município de Capanema, nordeste do Pará, Brasil.



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Nos casos de Joaquina e Amália, os pais (mãe e pai) foram primordiais no processo de formação dessas mulheres como pescadoras, mas no caso da entrevistada Mariana,

principalmente sua avó Joaquina e seu avô (já falecido) que foram os responsáveis por sua criação e que, por conseguinte acabaram por influenciar o seu gosto pela pescaria.

É possível notar por meio da **Figura 3**, que o processo de transmissão transgeracional ocorreu de forma bastante similar entre as mulheres, porém a mulher mais idosa, Dona Joaquina (1ª geração), esse processo ocorreu de maneira diferente, pois além da relação transgeracional houve também um vínculo intergeracional, ou seja, os outros sujeitos que não pertenciam necessariamente a mesma família, mesmo assim fizeram parte do processo de ensino das artes da pesca para a jovem pescadora. No que concerne as outras integrantes da família, o fenômeno transgeracional ocorreu de forma bastante linear, onde os outros familiares, principalmente a avó foi a responsável por incluí-las no mundo da pesca.

AS MUDANÇAS NA PESCA ARTESANAL E NO LAGO DO SEGREDO AO LONGO DAS GERAÇÕES

Essas mulheres aprenderam desde muito jovens a valorizar o trabalho da pesca, sobretudo, aquele originário do Lago do Segredo, a maneira como ensinam também nos leva a perceber a forma como ocorre essa transmissão de conhecimentos uma vez “que os pescadores continuam ensinando seus filhos a pescar artesanalmente da mesma forma e com os mesmos saberes específicos sobre o ambiente e a extração do pescado” (GARCIA, 2007, p. 103), os ensinamentos relacionados à prática da pesca no Segredinho não sofreram grandes modificações ao longo do tempo. Segundo as entrevistadas, as mudanças ocorridas foram poucas:

Rapaz não mudou muito não (...) da época que eu me entendi por gente, nós pesca do mesmo jeito, mudou mesmo os peixe, que diminuíram que antes tinha mais fartura agora o pessoal, não deixa nem os peixes crescerem direito (...) (JOAQUINA, 1ª geração).

Eu pesco com o que dá certo (...), mas eu prefiro pescar com vara e caniço, quando os meninos vão comigo às vezes coloca rede mais nem sempre dá pra colocar rede. Acho colocar rede um trabalho muito pesado para uma mulher sozinha, se bem que a Mariana (filha) coloca sozinha, não sei como ela consegue (...) (AMÁLIA, 2ª geração).

Pra mim mudou que hoje eu uso rede, eu pesco de caniço e vara também (...), mas minha vó nunca usou não, ela sempre foi baixinha e não dava conta de botar rede, eu pesco com vara também, já eu boto a rede sim (...) coloco sozinha ou com meus filhos, mesmo eles pequeno já ajuda (...) (MARIANA, 3ª geração).

Nesses trechos dos relatos das mulheres, nota-se que os processos que envolvem a pesca artesanal sofreram poucas modificações ao longo das décadas e outro ponto que ficou latente



nas palavras da integrante da terceira geração foi o fato de utilizar mais o apetrecho de redes de pesca do que as integrantes das gerações anteriores, ou seja, não existe somente o repasse dos conhecimentos tradicionais da pesca mais existe uma manutenção deles, numa espécie de troca de saberes entre gerações.

EDUCAÇÃO FAMILIAR INFORMAL DAS MULHERES PESCADORAS EM CONSONÂNCIA AO PROCESSO DA TRANSGERACIONALIDADE

Outro ponto que está intrinsecamente ligado ao fenômeno da transgeracionalidade é a educação familiar que se torna um fator primordial para que os conhecimentos da atividade pesqueira artesanal possam ser repassados, mesmo que aqueles que façam esse repasse não possuam a educação considerada formal, contudo possuem lições referentes a pescaria que foram adquiridas através de seus antepassados. Fica evidente a importância de uma educação familiar para que haja a continuidade e a sustentabilidade dessa cultura pesqueira. Elas relatam:

Eu não estudei muito não, meu pai saía pra trabalhar e eu tinha que cuidar de casa então não tinha tempo pra estudar (...) na minha época havia poucas escolas inda mais no interior e aqui no Segredo não tinha (...) a gente aprendia as coisas com os mais velhos, meu pai me ensinou a tirar minhoca, e botar no anzol e ver qual é traíra ou jacundá, nem ensinou a guiar canoa sozinha (JOAQUINA, 1ª geração).

A mamãe levava a gente pro lago, nem sempre tinha com quem deixar nós e era o jeito levar e ela brigava com nós (...) A mamãe ensinava nós, a colocar as isca, quando tempo estava bom para ir pescar de noite e pegar sarapó (...) se o tempo a noite tivesse chuvoso nem adiantava ir, “o peixe fica arisco” mamãe dizia, (...) aprendi essas coisas com ela (AMÁLIA, 2ª geração).

A vovó sempre fala que na época dela não tinha escola no Segredo, então ela tinha que se virar pra aprender alguma coisa. Muitas coisas ela aprendeu com nosso bisavô e outras se virou para aprender. Ela não gostava muito de me levar “pro” lago não, ixi, quando eu não tinha escola a vovó me levava (...) ela até queria que estudasse mais, eu preferia ir sozinha “pro” lago (...) era bem melhor (MARIANA, 3ª geração).

As pescadoras dizem que apesar de não possuírem uma educação formal, possuem conhecimento sobre as técnicas e instrumentos de pescaria, saberes esses adquiridos através de seus familiares, principalmente as mulheres, as mesmas possuem conhecimentos sobre as espécies de peixes que existem no lago do Segredo e citam o Jacundá (*Crenicichla lenticulata*), Traíra (*Hoplias malabaricus*), Sarapó (*Gymnotus carapo*) e “carazinho” que a colaboradora da terceira geração se refere ao Acará Bandeira (*Pterophyllum scalare*), todas as espécies pertencentes à água doce e nativas dos igarapés, lagos e rios da Bacia Amazônica.

Essa educação familiar informal que essas mulheres repassam se assemelha na “instrução se refere à formação intelectual, formação e desenvolvimento das capacidades cognitivas mediante o domínio de certo nível de conhecimentos sistematizados” (LIBÂNEO, 1994, p. 23). Ainda sobre a Educação Informal, Silva (2022, p. 93) fala a respeito:

No que concerne à educação informal, pode-se dizer que ocorre ao longo do tempo de vida de cada indivíduo, a partir das experiências que acontecem fora de atividades com estrutura formal, como por exemplo, uma sala de aula. Podem surgir como resultado das atividades da vida diária relacionada à família, trabalho, ou lazer, por essa razão, por vezes também é chamado de aprendizagem experiencial, pois partem das experiências individuais dessas pessoas.

De acordo com o autor, pode-se dizer que a educação informal que ocorre com as mulheres pescadoras do Segredinho possui um vínculo com o fenômeno transgeracional uma vez que o processo depende das relações familiares e de aprendizado para existir para serem desenvolvidos, pois mesmo não possuindo uma formação acadêmica, as mulheres do Segredinho desenvolveram meios de ensinar suas herdeiras as técnicas, os instrumentos e os saberes tradicionais ligados à atividade pesqueira artesanal. O que também tem seu valor e importância no contexto científico e são estratégias diferenciadas de construir conhecimento.

As mulheres pescadoras da comunidade Segredinho mostraram-se extremamente solícitas em responder as perguntas da pesquisa, pois a temática faz parte do cotidiano das mesmas, foi possível notar o brilho no olhar de cada uma das 03 (três) colaboradoras ao falar sobre a arte da pesca artesanal e ajudou sobremaneira a entender como se dá repasse e a troca de conhecimentos da pesca por meio dessa família e das três gerações de mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Três mulheres, três gerações. E algo em comum, que é o prazer pela pesca artesanal. O estudo consistiu em investigar e analisar a relação dessas mulheres com a pesca artesanal por meio de diálogos e verificar se o repasse transgeracional dos conhecimentos tradicionais pesqueiros entre as três gerações distintas de uma mesma família na comunidade Segredinho.

Por meio das entrevistas realizadas, das conversas informais e das observações diretas das mulheres dessa família e do ambiente em que estavam inseridas, permitiu-se assim discernir como é importante e original a atuação da mulher na atividade pesqueira da comunidade, cuja prática não consiste somente nos processos de captura, tratamento, alimentação e possível comercialização dos peixes. Essa prática acaba por proporcionar o estabelecimento de um estilo

de vida próprio dessas pescadoras, que se fundamenta em saberes tradicionais e nas relações de afeto entre parentes, amigos e vizinhos, e possibilita assim, o surgimento de relações sociais e afetivas que acabam por desenvolver uma relação inseparável entre o lugar de vivência e o trabalho dessas mulheres.

A investigação realizada junto as pescadoras artesanais de Segredinho, permitiu conhecer uma realidade de certa forma surpreendente quando se refere a função da mulher no exercício da profissão pesqueira, tendo em vista a existência das práticas da pesca artesanal relacionadas a figura masculina, muito comum em comunidades que obtém da exploração dos recursos pesqueiros sua fonte de sobrevivência.

Em contraste com o contexto que coloca sempre o homem como principal personagem na atividade pesqueira artesanal, o trabalho feminino na localidade investigada não se restringe somente aos afazeres domésticos cotidianos ou a construção e conserto de redes ou beneficiamento dos peixes. Ao conduzir suas próprias embarcações (canoas) e ao se lançar no lago em busca do sustento de suas famílias, essas mulheres ampliam seu universo de atuação e conquistam um espaço que historicamente sempre foi ocupado pelos homens.

É perceptível a autonomia dessas três mulheres e o fato de se reconhecerem como pescadoras fica explícita e se fundamenta em suas experiências e habilidades que se relacionam com a escolha e manuseio dos apetrechos de pesca, bem como no conhecimento das espécies de peixes e dos ciclos naturais. A vivência com esse grupo de pescadoras permitiu observar o quão especial é a interpretação que elas fazem das condições oriundas da natureza, para auxiliar na utilização e na seleção dos instrumentos de pesca. Não obstante, e como base na transmissão transgeracional se percebe que esta leitura não se desenvolveu de um momento para outro, avós, pais (principalmente mães), maridos e amigos tiveram uma parcela de contribuição para a construção dos saberes característicos à pesca artesanal.

Dito isto, é possível afirmar que a assimilação dos saberes tradicionais por essas mulheres contribuiu sobremaneira para que elas tenham domínio sobre a arte/ofício da pesca, as tornando independentes em relação aos homens.

A participação e o envolvimento das três mulheres na pesca artesanal na Comunidade Segredinho ultrapassam a definição de completude ou ajuda. Ao adentrar no universo da pesca, as mulheres participam de maneira efetiva na formação da renda de suas famílias, e ainda, asseguram a provisão de alimentos de seus familiares na falta de seus companheiros, sendo que algumas das mulheres observadas não possuíam companheiros. Sendo assim, a maioria das

mulheres aqui observadas se destacam, como mãe, dona de casa, profissional da pesca e provedora de seu lar.

A experiência de realizar a pesquisa sobre a transmissão transgeracional dos saberes da pesca artesanal por meio das três gerações de mulheres da comunidade Segredinho foi extremamente gratificante e enriquecedora, pois foi possível vislumbrar a realidade e a condição feminina com relação ao ofício da pesca e entender como essas pescadoras fazem o repasse desses conhecimentos, principalmente para suas filhas, netas e que possibilita o atendimento de suas necessidades de sobrevivência, mas também o estabelecimento de um vínculo com o seu lugar de trabalho e vida.

A característica fundamental verificada que faz uma ligação com a pesquisa, objeto e o pesquisador, foi a alegria e o prazer com que as pescadoras se referiam ao ofício de pescar, porém, enquanto as mulheres foram ao Lago do Segredo em busca de peixes, o pesquisador foi ao lago em busca de conhecimento.

Antes de pôr fim a esta expedição à comunidade Segredinho com mulheres pescadoras, é necessário que se faça um adendo sobre eles. Continuam lá, esquecidos no meio da floresta e a espera de que seus outros segredos sejam desvendados, pois ele demonstrou que ainda existe muito a ser pesquisado e revelado por essa enigmática comunidade. Não obstante, para que isso aconteça será necessário que você visite o local, observe ao seu redor, colete os dados, analise os fatos, e acima de tudo “*Faça silêncio, eu vou te contar um Segredo!*”

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edna. Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras. In: FURTADO, Lourdes; LEITÃO, Wilma; MELO, Alex Fiuza de. **POVOS DAS ÁGUAS: realidade e perspectivas na Amazônia**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

ALMEIDA, Maria da Conceição. **COMPLEXIDADE E COSMOLOGIAS DA TRADIÇÃO**. Belém. EDUEPA, 2001.

BRAGA, Thais Gleice Martins. SILVA. Rafaela Rabelo Ferreira da. LAMEIRA, Natalia da Conceição. SOUZA. Ises Vanderlene Inácio de. & BORGES, Jeyne Pimentel. **CARACTERIZAÇÃO SOCIOAMBIENTAL DA COMUNIDADE RURAL DO SEGREDINHO, NORDESTE DO PARÁ – CAPANEMA**. In: **Congresso Internacional de Ciências Agrárias- COINTER- PDVAGRO-** Recife, 2018.

BRASIL. **Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009**. DISPÕE SOBRE A POLÍTICA NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA AQUICULTURA E DA PESCA, REGULA AS ATIVIDADES PESQUEIRAS. Disponível em

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato20072010/2009/lei/111959.htm. Acesso em: 10 de abr. 2023.

CHIZZOTTI, Antônio. **PESQUISA QUALITATIVA EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

DINIZ, Leila Mariana Salustiano. **OS CAMINHOS QUE LEVAM AO SEGREDO: EXPERIÊNCIAS DE ALFABETIZAÇÃO NA VILA DE SEGREDINHO, MUNICÍPIO DE CAPANEMA, PARÁ**. (Monografia). Faculdade da Amazônia- FAM - Ananindeua, 2017.

DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). **OS SABERES TRADICIONAIS E A BIODIVERSIDADE NO BRASIL**. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000.

FALCKE, Denise. & Wagner, Adriana. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição e conceitos. In A. Wagner (Org.), **COMO SE PERPETUA A FAMÍLIA? A TRANSMISSÃO DOS MODELOS FAMILIARES**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 25-46.

GARCIA, Narjara Mendes. YUNES, Maria Angela Mattar. CHAVES, Priscila Freitas & SANTOS, Lúcia Oliveira dos. Educando meninos e meninas: transmissão geracional da pesca artesanal no ambiente familiar. **Psic. da Ed.**, São Paulo, v. 25, 2º sem. de 2007, pp. 93-112.

GARCIA, Narjara Mendes. **Educação nas famílias de pescadores artesanais: transmissão geracional e processos de resiliência**. Dissertação não publicada (Mestrado em Educação Ambiental) – Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2007.

LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. **MULHERES PESCADORAS: A construção da resistência em Itapissuma**. 2009. Disponível em: www.intercon.org.br. Acesso em: 13 de out. 2023.

LIBÂNEO, José Carlos. **DIDÁTICA**. São Paulo; Cortez, 1994. – (Coleção magistério. Série formação do professor).

MARTÍNEZ, Silvia Alicia; HELLEBRANDT, Luceni. Mulheres na Atividade pesqueira no Brasil: Uma Introdução. In: **MULHERES NA ATIVIDADE PESQUEIRA NO BRASIL** [recurso eletrônico] / organização de Silvia Alicia Martínez e Luceni Hellebrandt – Campos dos Goytacazes, RJ: EDUENF, 2019. 382 p.: il.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Como pesquisar? **PESQUISA SOCIAL: TEORIA, MÉTODO E CRIATIVIDADE** 28. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. JARDIM DO ÉDEN REVISITADO. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 40, n. 1, 1997,

MALDONADO, Simone Carneiro. **PESCADORES DO MAR**. São Paulo: Editora Ática (Série Princípios), 1986.

MANESCHY, Maria Cristina; ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. **MULHERES NA PESCA: TRABALHO E LUTAS POR RECONHECIMENTO EM DIFERENTES CONTEXTOS. COLETIVA**, Recife, n. 1, jul.-set. 2010. Disponível em: http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=12&Itemid=76&idrev=. Acesso em: 15 out. 2023.

MORAES, Sérgio Cardoso de. Saberes e Técnicas. **SABERES DA PESCA: UMA ARQUEOLOGIA DA CIÊNCIA DA TRADIÇÃO**. (Tese de Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. – Programa de Pós-Graduação em Educação-Natal, 2005.

PERROT, Michelle. **MINHA HISTÓRIA DAS MULHERES**. tradução Angela M. S. Côrrea. — São Paulo: Contexto, 2007.

RIBEIRO, Danilo S. **TRANSGERACIONALIDADE DA PESCA: TRANSMISSÃO, PERMANÊNCIAS E VICISSITUDES DA TRADIÇÃO PESQUEIRA NA CIDADE DE PORTO SEGURO – BA**. 2017. 75 f. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Antropologia e diversidade cultural – Latino Americana). Universidade Federal da Integração Latino – Americana – Unila, Foz do Iguaçu, 2017.

ROCHA, N, S, A da. **A PESCA FEMININA NA COMUNIDADE SEGREDINHO: Município de Capanema-PA**. (Dissertação) - Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local, Universidade Federal do Pará. Belém-PA: 2011.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **REVISTA EDUCAÇÃO**, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 37, p. 7-32. 1999.

ROSALDO, Michelle. **O USO E O ABUSO DA ANTROPOLOGIA: REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO E O ENTENDIMENTO INTERCULTURAL**. Horizontes Antropológicos, 1, 1995. p. 10-36.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum. In: **UM DISCURSO SOBRE AS CIÊNCIAS**. SANTOS, Boaventura de Sousa. 7ª Ed.- São Paulo: Cortez, 2010. p. 88-89.

SILVA, José Raimundo Salustiano da. **LAÇOS DE AFETO NO MANGUEZAL: A Transgeracionalidade e os saberes na pesca do caranguejo-uçá *Ucides cordatus* (Linnaeus, 1763) no nordeste do Pará, Amazônia brasileira**. 2022. XVII, 124 f. : il. color. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança, Programa de Mestrado Interdisciplinar em Linguagens e Saberes na Amazônia, Bragança, 2022.

SILVA, Simone Amaral da. **Filhas de Lilith: Desmistificando o Mito da Inferioridade Feminina**. Rio de Janeiro, 2022. Orientadora: Karla Louise de Almeida Petel. Monografia (graduação em Letras habilitação Português-Hebraico) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, 2022.

TOITIO, Rafael Dias. O TRABALHO FEMININO FRENTE AO DOMÍNIO DO CAPITAL. In: III Simpósio Lutas Sociais na América Latina, 2008, Londrina. **Anais do III Simpósio**, 2008.

TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait. **TRANSGERACIONALIDADE – DE ESCRAVO A HERDEIRO: UM DESTINO ENTRE GERAÇÕES**. Ana Rosa Chait Trachtenberg [et al]. – Porto Alegre: Sulina, 2013.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.